

**Pena que Fausto fosse assim, um revoltado:
memória e esquecimento em tempos de futebol profissional.**

RENATO SOARES COUTINHO*

Seja no boteco, no escritório ou na sala de aula, basta um sujeito questionar a capacidade de um jogador ou a honestidade de um árbitro e pronto: o assunto futebol se espalha, reverbera pelos ambientes repletos de entendidos do jogo de bola. No Brasil, futebol é discutido até por quem odeia o esporte. O mais interessante é que na maior parte das vezes, o debatedor mais exaltado nem mesmo assistiu ao jogo ou ao lance colocado em questão nas rodas de conversa. E talvez esse seja justamente um dos elementos mais fascinantes do futebol na sociedade brasileira: o jogo é tão enraizado no imaginário popular que não é preciso vê-lo para descrevê-lo.

O torcedor mais antigo, aquele que colava o rádio de pilha na orelha nas tardes do domingo, não precisava da imagem. Uma “quebra-de-asa” do Mané Garrincha, ou um gol de falta do Zico eram imitados nos campos de pelada sem a necessidade do recurso visual. Bastava o ouvir falar que Zizinho jogava com elegância que a molecada sabia decodificar perfeitamente a mensagem dada pelo cronista esportivo. Sabia-se correr ou chutar como um Domingos, um mestre Ziza, um Pelé, apenas por aquilo que se entendia como o jeito de jogar do brasileiro. Esses símbolos estavam difundidos e consolidados. A decadência da transmissão via rádio transformou essa relação fantasiosa entre torcedor e craque. Vale ressaltar que, durante muito tempo, para o torcedor de arquibancada conhecer seu ídolo, era preciso conseguir a figurinha dele. De fato, o excesso de imagem das últimas décadas mudou essa prática, mas não alterou o caráter que torna o futebol tema de análise do cientista social ou do historiador: a distinção entre o jogo em si, disputado no campo, e o jogo significado pelo torcedor. O jogo em si, sem exageros, pouco importa para a academia. Mas o que o torcedor pensa sobre o jogo pode nos ajudar a desvendar quais elementos simbólicos compõem os referenciais culturais dos atores que estão envolvidos nesses debates mais do que esportivos.

* Doutorando de Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense.

O futebol brasileiro é uma invenção que ainda não completou cem anos. Curiosamente, é uma invenção posterior à seleção brasileira. Aliás, não só a seleção, mas os grandes clubes também nasceram antes da construção do imaginário futebolístico. Por isso não é de se surpreender que o torcedor brasileiro não conheça os jogadores que fizeram os primeiros gols dos seus times ou os primeiros estádios utilizados no país. Certamente, isso não se trata de falta de memória; ao contrário, isso se deve à construção de uma memória que esqueceu o futebol que se jogava nos tempos do amadorismo. Um torcedor do Fluminense que nunca viu um lance sequer do ponta Tim, sabe que ele foi um craque driblador. É quase certo que esse mesmo torcedor não saiba nem mesmo em qual posição jogava Marcos Carneiro de Mendonça, ídolo tricolor nos anos 1910 e primeiro arqueiro da seleção brasileira. As demonstrações mais claras desses esquecimentos ocorreram nos anos de comemoração dos centenários dos clubes. Todas as celebrações das torcidas eram feitas em homenagem aos grandes ídolos dos tempos do profissionalismo, e em nenhum momento festejou-se de fato as fundações dos clubes. No Clube de Regatas do Flamengo, por exemplo, todos concordam até hoje que Domingos e Leônidas estão no hall dos maiores de todos os tempos. Não é preciso ver uma bicicleta do Diamante Negro para concordar com isso. Mas caso o nome de Moderato - titular da equipe campeã de 1927 - fosse mencionado como um possível ídolo a ser homenageado, o torcedor mais fanático de hoje não saberia se ele era bom de drible ou bom de marcação.

A ocorrência desses esquecimentos se deve, principalmente, à imprensa esportiva que se configurou nos anos 1930. É claro que antes já havia nos periódicos, especialmente do Rio de Janeiro, debates sobre o futebol¹. Literatos como Coelho Neto e Lima Barreto divergiam na década de 1910 sobre o valor do futebol como preparador do espírito cívico. Os médicos da Primeira República dedicavam linhas de análise sobre os benefícios e malefícios do desporto bretão. Porém, o que não existia antes da década de 1930 era uma imprensa esportiva consolidada em torno da cobertura do futebol². Antes, o futebol era analisado por pessoas que se destacavam em outras atividades, mas que por razões específicas simpatizavam ou repudiavam o jogo. Nos anos 1930,

¹ O *Gazeta de Notícias*, o *Correio da Manhã* e o *Paiz* são exemplos de periódicos que já tratavam do football nos anos 1910.

² O surgimento do *Mundo Sportivo* e do *Jornal dos Sports*, ambos em 1931, marcaram a virada da imprensa esportiva na cidade.

observamos o aparecimento de periódicos dedicados exclusivamente à cobertura do esporte, com jornalistas ligados diretamente ao tema. Quero dizer com isso que a cobertura esportiva construiu sua autonomia nos anos 1930, desvinculando-se de questões mais abrangentes como a saúde ou o civismo, e desenvolvendo estilos próprios de comunicação e interpretação do fenômeno esportivo.

Se houve um jornalista capaz de sintetizar esse processo de gestação de uma imprensa esportiva especializada, esse foi o Mario Filho. Reconhecidamente o criador dos parâmetros que até os dias atuais orientam as redações esportivas, Mario Filho foi um dos principais inventores e divulgadores do futebol brasileiro. Reitero: a cobertura de Filho, destacadamente no JS, permaneceu abordando questões que já estavam em pauta nas décadas anteriores. A grande diferença é que o futebol deixou de ser apenas um exercício físico capaz de despertar ou não valores positivos. O futebol passou a ter significado próprio, sendo a sua prática não mais um instrumento de realização de uma civilidade universal abstrata, mas a manifestação cultural constitutiva do povo brasileiro. A invenção da imprensa esportiva brasileira ocorreu no momento em que o futebol alcançou o status de elemento cultural, para além de uma prática esportiva.

A importância de Mario Filho não se deve apenas ao seu pioneirismo. Filho foi capaz de perceber e organizar os novos símbolos culturais que se consolidavam com as mudanças econômicas e sociais que ocorriam, com destaque, durante o Estado Novo. Se num plano cultural mais amplo, podemos localizar nesse período a inversão dos sinais negativos que antes desqualificavam as práticas populares, no campo esportivo a grande transformação ocorreu com o processo de profissionalização dos clubes.

Em 1947, Filho publicou a sua grande obra: *O negro no futebol brasileiro*³. Nesse livro, fica clara a tese do jornalista. Segundo Filho, o saudosismo, que encontra suas raízes no racismo, sente falta do futebol elitista e excludente dos tempos do amadorismo, que só permitia jogadores associados aos clubes. O novo futebol, que se constituiu a partir do profissionalismo, começou a ser gestado pela luta dos negros, que através da persistência e técnica apuradas conseguiram ocupar um espaço antes restrito aos brancos abastados. Em suma, o profissionalismo foi uma conquista que permitiu aos jogadores oriundos dos grupos populares romperem com os entraves sociais e raciais que perpetuavam a exclusão. Essa tese é objeto de análise e revisões das mais

³ FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

diferentes vertentes históricas e sociológicas, mas um ponto parece indiscutível: Filho construiu as bases da memória que atribui positividade ao futebol pós-1930 e negatividade ao esporte praticado nos tempos da Primeira República. As críticas mais recorrentes ao trabalho de Filho sustentam-se exatamente nessa dicotomia, pois entendem que essa leitura reforça as teses da democracia racial que enxergam a construção da nacionalidade brasileira dos anos 1930 como momento de supressão dos conflitos.

Nessa questão do livro de Filho, um dado merece destaque. Mesmo a publicação sendo da segunda metade dos anos 1940, a tese que Filho expõe já estava sendo defendida por ele desde a década anterior. Afirmando isso baseado na leitura das edições do *JS* ao longo dos últimos anos da década de 1930, momento em que Filho posiciona abertamente o jornal ao lado do projeto “profissionalista”.⁴ Um exemplo bem acabado desse posicionamento de Filho é o *Fla-Flu*, o jogo entre Flamengo e Fluminense. Muitos cronistas atuais atribuem à criação da mística do *Fla-Flu* ao fato de Filho ter sido um tricolor simpático ao Flamengo. Essa informação, correta ou não, não explica porque um jornal dedicou várias edições em prol da popularização desse clássico, em detrimento de clubes como o Vasco da Gama e o Botafogo. Afinal, antes de torcedor, Filho era um jornalista e um empresário. Um olhar mais atento pode perceber que a partir do ano de 1936, a importância do *Fla-Flu* cresceu enormemente. Nesse ano, foram disputados mais de dez clássicos. Todos com uma cobertura fascinante. Todavia, o mais importante é atentar para o fato de que os *Fla-Flus* ocorriam muitas vezes ofuscando os jogos da F.M.D, federação “amadorista” que reunia entre outros o Vasco e o Botafogo. Na queda de braço que durou de 1935 a 1937 entre a L.C.F, liga profissional que contava com Flamengo e Fluminense, e a F.M.D, o *Jornal dos Sports*, no auge da dissidência, se posicionou ao lado da L.C.F e estrategicamente utilizou o *Fla-Flu* como forma de valorização dos clubes alinhados ao profissionalismo.

⁴ Em 1933, houve uma cisão na AMEA, liga amadora, e o Fluminense liderou a formação de uma Liga de clubes profissionais. Depois de idas e vindas de alguns clubes, duas ligas se formaram: a Liga Carioca de Futebol, que contava com os profissionais Fluminense, Flamengo, América e Bangu, e a Federação Metropolitana de Desportos, liderada pelos “amadores” Vasco e Botafogo. Sobre o tema, ver NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)*. In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. & SANTOS, Ricardo Pinto dos. (orgs.). *Memória social dos esportes (Vol.II)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

Esse panorama geral da tese de Filho foi feito com um intuito que parece já ter ficado claro: mostrar como a memória hegemônica do futebol brasileiro, sistematizada na obra de Filho, elegeu seus mitos fundadores em nome da valorização do futebol mestiço que se erigiu a partir do profissionalismo.

Dois jogadores, já citados neste texto, serviram para Mario Filho construir as bases da sua interpretação sobre o futebol brasileiro. Domingos da Guia e Leônidas da Silva. Esses dois jogadores, os mitos fundadores da forma como se joga no Brasil, representavam aquilo de havia de legítimo em nossa Nação: a aliança da disciplina apolínea, herança dos povos europeus brancos, com a ginga dionisíaca, herdada dos povos negros que desembarcaram no país. Domingos, o jogador clássico, elegante, disciplinado; um craque apolíneo. Leônidas, um malandro dionisíaco, driblador, adorado pelo povo. A expressão de nossa brasilidade é a união dessas duas marcas do povo brasileiro: mestiço, trabalhador e criativo. Não à toa o livro de Filho é prefaciado por Gilberto Freyre.

O trabalho, como o título já insinua, não trata desses dois jogadores. Aliás, muitos trabalhos qualificados já se dedicaram ao tema. Afinal, eles não foram esquecidos. Mas na época de Domingos e Leônidas, especialmente quando eles jogavam no Flamengo, em meio aos debates que levaram à profissionalização do esporte no Brasil, havia um jogador tão respeitado quanto esses dois craques. Um jogador que era capitão do time em que jogavam Leônidas e Domingos, mas que não virou capítulo de livro de Mario Filho. Esse jogador era Fausto do Santos, o “Maravilha Negra”.

Fausto era um negro magro, de origem humilde, que jogava no meio-campo. O primeiro clube em que se destacou foi o Vasco da Gama, onde conseguiu uma vaga na seleção que disputou a primeira Copa do Mundo em 1930. Fausto jogou no futebol espanhol, defendendo o Barcelona, e jogou com destaque no futebol uruguaio, no famoso Nacional de Montevideú. Fausto foi um craque negro e pobre, que por algum motivo não figura no seleto grupo de mitos fundadores do futebol brasileiro. Em um primeiro momento, parece que Fausto reúne todas as características para ser elevado à condição de herói como Leônidas e Domingos. Mas algo relegou esse jogador genial ao grupo dos mortais, daqueles que se apagam com tempo, dos que precisamos ter visto para saber se foi um grande mesmo. Leônidas e Domingos nunca precisaram da

imagem, são craques na memória. Fausto, esquecido e sem registros visuais, desperta a dúvida por não ter sido – e não ser – um ideal.

O Clube de Regatas do Flamengo, a partir de 1936, iniciou um projeto que visava transformá-lo no clube mais popular da cidade. Tendo sido um dos clubes mais excludentes da cidade nos tempos do amadorismo, o Flamengo chegou à década de 1930 sem estádio e sem recursos. O clube não ganhava títulos e não arrecadava. O cenário começou a mudar a partir da chegada de José Bastos Padilha, presidente que ficou no cargo até 1938 e que era cunhado e grande amigo de Mario Filho. Padilha instaurou imediatamente o regime profissional e o Flamengo, antes um clube de brancos ricos, se reinventou e se tornou em menos de dez o representante dos grupos populares do Brasil. Padilha passou os primeiros anos à frente do clube reestruturando as finanças, e iniciou em 1936 o projeto audacioso que visava três objetivos: construir um estádio, montar um grande time e aumentar a torcida. O Estádio da Gávea foi construído, a torcida de fato aumentou com a nova identidade popular construída pelo clube e o grande time foi montado. Padilha saiu do clube tendo cumprido suas metas.

A montagem desse grande time começou em 1936, ano em que o clube apresentou um balancete superavitário. O pontapé inicial desse projeto foi dado com a contratação de Fausto. Nos dias atuais, não se tem a dimensão do significado de ter um jogador como Fausto dos Santos no time. Fausto jogava no poderoso Nacional do Uruguai, país bicampeão olímpico e campeão da primeira Copa do Mundo. Fausto era um jogador disputado, caro e famoso. E a situação contratual dele era muito complicada. Para os que pensam que hoje as negociações são obscuras e enroladas, imaginem as transações em uma época em que não se sabia nem mesmo quem devia regular o cumprimento dos contratos profissionais.

Fausto tinha sido jogador do Vasco em 1934. Ao receber uma proposta tentadora do futebol uruguaio, ele deixou o clube cruzmaltino e disputou o campeonato de 1935 pelo Nacional. Mas ele não cumpriu todo seu contrato com o Nacional. Após uma derrota para Peñarol, em que ele foi acusado de ter entregado o jogo de propósito, Fausto voltou ao Rio de Janeiro acusando a direção do clube bolsonero de ter armado essa confusão para não lhe pagar os valores que ainda deviam. Na época, ao não ficar pelo menos um ano em um clube, o jogador voltava a pertencer ao clube anterior, no caso do Fausto, o Vasco da Gama.

Mas como Fausto havia saído do Vasco de maneira abrupta, a direção vascaína não queria contar mais com o jogador. Dessa forma, Fausto ficou encostado, preso ao Vasco, mas sem jogar. Vários clubes tentaram contratar Fausto. O Atlético Mineiro mandou seu treinador ao Rio de Janeiro para buscar o jogador. O São Cristovão anunciou o atleta. O Botafogo chegou a especular sua contratação. Mas todos esbarravam na Censura Teatral, órgão da polícia que registrava os jogadores e que vinculava o “Maravilha Negra” ao Vasco. O Vasco, por sua vez, respaldado pelo contrato, exigia uma indenização para liberar o passe livre para o jogador. Fausto encontrava-se numa situação delicada.

Sem muito alarde, o Flamengo, interessadíssimo no jogador, adotou outra estratégia. Em vez de tentar contratar o jogador através de uma negociação com o Vasco, o clube rubro-negro resolveu buscar um advogado que contestasse a validade do contrato na Censura Teatral. O Vasco, que na época nem pertencia a mesma Liga que o Flamengo, dificilmente cederia o jogador para o rival. O jeito era provar que ele não possuía vínculos com os Camisas Negras.

Após cinco meses de avanços e recuos nas negociações, chegou-se a seguinte situação: o advogado de Fausto, que agia em nome do Flamengo, alegava que contratos entre partes civis não podiam ser fiscalizados pela polícia. Esse assunto era de competência da justiça. Desconsiderando a validade do vínculo com o Vasco, o Flamengo anunciou o jogador, fato que causou revolta entre os vascaínos. Sem contar com o respaldo legal, e com o Sr. Pitta de Castro, chefe da Censura Teatral, tendo encerrado o assunto, restou ao Vasco ceder o jogador como demonstração de cordialidade entre os dois clubes.

Todo esse esforço para ter um jogador era novidade. Fausto chegava ao clube com status de ídolo, com a faixa de capitão e representando uma nova fase. O jogador correspondeu, liderando o time em várias vitórias. No mesmo ano, Leônidas e Domingos também foram contratados, e o esquadrão formado principalmente por negros vencia e encantava a cidade. Mas, como em outros clubes, a relação de Fausto com a direção nunca foi fácil.

É sabido por todos que Leônidas nunca teve boas relações com os dirigentes dos clubes. Afinal, ele nunca foi disciplinado. Leônidas assinou contrato com mais de um time, inventou contusão para não jogar, falsificou documento para não servir ao

Exército, mas sempre foi entendido pela torcida, e até mesmo pelos cartolas, que no fim das contas ganhavam com ele. O próprio Fausto dizia que o Leônidas tudo podia. Os muitos que simpatizavam com Leônidas alegavam que ele fazia isso para conseguir bons salários, para conseguir subir na vida. E até quando o acusavam de roubo, muitos saíam em sua defesa: “Só não conhecendo o Leônidas é que se podia falar mal dele. O caluniado Diamante Negro.” (FILHO, 2003: 212)

Mas Fausto nunca contou com essa tolerância. Nem por parte da torcida, que nunca fez campanhas para defendê-lo como faziam com Leônidas, nem da imprensa e muito menos da direção dos clubes. Basta dizer que Fausto, disputado pelo Flamengo com unhas e dentes em 1936, faleceu em 1939 e o presidente do Flamengo, Gustavo de Carvalho, se recusou a contribuir para o pagamento do seu enterro. Gustavo de Carvalho quando vendeu Leônidas para o São Paulo enfrentou a ira da torcida e da imprensa, liderada por Ari Barroso. Mas quando se recusou a custear as despesas com o funeral de Fausto, não sofreu nenhuma represália.

Fausto nunca foi querido. Todos reconheciam sua genialidade, mas ele nunca conseguiu ser ídolo. Habilidade para isso ele tinha; não tinha era o domínio dos símbolos necessários para criar o vínculo identitário com as torcidas que aumentavam e com a imprensa que se configurava em tempos de ascensão social do jogador de futebol.

Em todos os clubes que passou, Fausto foi rotulado de problemático. Mas não o problemático como Leônidas, que usava a malandragem para transgredir. Mas o problemático agressivo, que machucava adversário e desafiava os dirigentes. Certa vez, em uma excursão do Vasco em Portugal, Fausto atirou um balde d’água da varanda do seu quarto de hotel. Como não gostava dos portugueses, ele fez aquilo para agredir qualquer um que estivesse passando na rua. Esse caso foi resolvido depois de muita conversa com a polícia, e Fausto em nenhum momento se mostrou arrependido perante os diretores portugueses do Vasco.

Leônidas quando não queria jogar, inventava uma contusão. Fausto, quando não tinha condições de jogo, desaparecia, faltava ao treino sem justificativas. Leônidas sempre escapava das multas, Fausto sempre pagava pelos seus sumiços.

Na passagem de Fausto pelo Flamengo, a situação do jogador ficou muito difícil depois da chegada do técnico húngaro Dori Krueschner, em 1937. Krueschner veio para o Brasil implantar métodos modernos no clube, e durante toda a sua passagem enfrentou

problemas com Fausto. Fausto chegou a ficar afastado quase toda a temporada de 1937. Depois de ter sido acusado de não se dedicar aos treinamentos passados pelo técnico, Fausto foi afastado e multado pela direção, que foi categórica: “o clube faz mais questão da disciplina do que do jogador” (*JORNAL DOS SPORTS*, 08 de maio de 1937). No ano anterior, Fausto já havia sido afastado por ter agredido um árbitro num Fla-Flu vencido pelo clube tricolor.

Todas as vezes em que foi afastado, Fausto nunca se retratou. Ao contrário de Leônidas, que nunca teve problemas com Krueschner, Fausto não conseguia se adequar à nova condição de empregado do clube. Nos tempos do amadorismo, que Fausto jogou maior parte da sua carreira, sua agressividade não era bem vista, mas não encontrava grandes resistências. Afinal, ele não devia nada ao clube mesmo. Pelo contrário, o clube que lhe devia. O jogador se entregava, corria, se machucava, para no final do jogo ganhar uma gratificação – o bicho – que era pago de acordo com a vontade do dirigente. Era normal um jogador de origem humilde expressar sua raiva contra o diretor. Quando Fausto retornou ao Brasil para defender o Flamengo e se deparou com o regime profissional, era tarde demais para ele entender como os códigos de conduta eram outros. O conflito entre jogador e direção ainda existiam, mas não podiam mais ser manifestados de maneira direta. Havia um contrato mediando essa relação. E por mais que a indisciplina fizesse parte da vida do atleta, ela não podia ultrapassar os limites impostos pelo contrato. Fausto, que estava acostumado com o enfrentamento direto com os dirigentes, não entendeu, como Leônidas havia entendido, que os canais de transgressão eram outros no tempo do profissionalismo. Leônidas, jogador mais jovem, se adequou aos tempos do profissionalismo. Afinal, havia – e há – espaço para a malandragem. Fausto, tão craque quanto Leônidas, não teve tempo para perceber que seus métodos estavam superados.

Fausto não se tornou mito porque não expressava o ideal de brasilidade que se forjava no Estado Novo: a conciliação através da mediação do Estado. Fausto era um jogador de outros tempos, do conflito, não do pacto. O seu esquecimento é o esquecimento do atleta que vê no futebol um espaço de conflito, não de congregação. O imaginário nacionalista que se constituiu no projeto trabalhista se fundamentava em métodos de transgressão agonísticos, não antagonísticos. A relação com o outro, conflituosa ou não, não era de exclusão, e sim de conciliação. Não é de se estranhar que

as grandes crises das lideranças políticas trabalhistas ocorreram em momentos de radicalização do enfrentamento.

Fausto não pode ser imitado. Não cabe ao garoto do campo de pelada saber copiá-lo sem nunca tê-lo visto, como fazem com Leônidas e a sua “bicicleta” e Domingos e as “domingadas”. Isso porque ele não está em nossa memória. E, óbvio, nós só podemos imitar aquilo que lembramos. Num livro que fala tanto em luta e revolta dos negros, Mario Filho talvez tenha nos dado em uma frase o significado daquilo que ele entendia como “revolta”: “pena que Fausto fosse assim, um revoltado. Se não, seria o maior Center-half brasileiro de todos os tempos.”(FILHO, 2003: 173).

Bibliografia:

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. & FERREIRA, Jorge.(orgs). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

ELÍADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: Getulismo, PTB e cultura política popular*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2005.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GOMES, Ângela Castro. *A invenção do trabalhismo*. RJ: FGV, 2005

JORNAL DOS SPORTS, 1936 – 1937.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos. *História da Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941)*. In.: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. & SANTOS, Ricardo Pinto dos. (orgs.). *Memória social dos esportes (Vol.II)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006

PEREIRA, Leonardo Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2000.

POLLAK, Michael. *Memória, esquecimento, silêncio*. Revista Estudos Históricos Vol. II, 1989.

RODRIGUES, Nelson & FILHO, Mario. *Fla X Flu: e as multidões despertaram*. RJ: Europa, 1987.